

ANDRÉ DU RAP: O TESTEMUNHO SOBREVIVENTE

Luciara Pereira

RESUMO[®]

Este trabalho pretende, a partir do livro **Sobrevivente André du Rap (do massacre do Carandiru)**, analisar a visão da sociedade, as reflexões, as denúncias, em especial as imagens antagônicas que André du Rap, ex-presidiário, constrói do mundo social e do mundo da prisão em seu depoimento baseado em sua experiência carcerária. Diante disso, procurar-se-á compreender quais são os fatores que geram tal oposição e que efeitos o gênero *testemunho* produz na estrutura e no sentido do relato.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa, testemunho, subalternos.

INTRODUÇÃO

Conhecer as diferentes versões sobre qualquer evento é primordial para se obter uma visão mais abrangente de suas circunstâncias e conseqüências, ainda mais quando os envolvidos provêm de diferentes situações sociais, culturais e ideológicas. Para tanto, conforme afirma Benjamin (1985), em uma de suas teses centrais, a experiência é uma importante fonte de conhecimento, podendo este ser transmitido por meio de narrativas orais (ou mesmo escritas). Contudo, o conhecimento, hoje, não é mais compartilhado dessa maneira em virtude de mudanças culturais, principalmente as que são geradas pela lógica dos *mass media*, que prioriza a velocidade, a superficialidade, a informação rápida e efêmera. O *testemunho* surge como uma tentativa de recuperar, aprofundar e refletir sobre episódios que marcaram a história e a vida dos indivíduos envolvidos, principalmente os subalternos, possibilitando, assim, o conhecimento de suas experiências.

O livro **Sobrevivente André du Rap (do massacre do Carandiru)**, por ser um *testemunho*, possibilita esse contato com a experiência de André du Rap, ex-presidiário, que fornece um depoimento sobre sua longa passagem pela prisão, em especial, sobre os fatos do terrível episódio do massacre do Carandiru. O livro está dividido em seis partes: *Depoimento*, que é

subdividido por temas; *Fragmentos de uma correspondência*, que reproduz cartas de André du Rap enviadas e recebidas durante o período de detenção; *Free Style (De improviso)*, que traz alguns depoimentos de André du Rap sobre diversos assuntos; *Aliados*, que destaca o tema do hip-hop e alguns integrantes desse movimento; *Uma voz sobrevivente*, artigo elaborado pelo editor e *Sobre os autores*, que traz algumas informações sobre a vida de André du Rap e de Bruno Zeni.

O livro começa com o relato do massacre do Carandiru, evento em que uma intervenção policial no pavilhão 9 do presídio paulistano resultou na morte de 111 presos, no dia dois de outubro de 1992. Essa ordem foi estabelecida pelo editor, sendo este o depoimento mais marcante e central do livro. Os outros relatos de Du Rap estão mais relacionados com sua vida pessoal, familiar e amorosa.

1 Considerações sobre o gênero *testemunho*

O *testemunho* é uma modalidade narrativa estruturada a partir da visão de um indivíduo, quase sempre de origem subalterna, que viveu ou presenciou determinado episódio histórico. Trata-se da versão da história de alguém que não teve voz junto à versão oficial, portanto, em alguns casos, esta nova versão opõe-se a outra em muitos pontos, adquirindo importância pela exposição e denúncia das vivências daquele período, antes desconsideradas pela visão dominante dos fatos. Esse gênero trabalha com uma forte carga subjetiva, pois o depoente, quase sempre, além de ter vivido aqueles episódios, sofreu diretamente suas conseqüências. Logo, há um intenso envolvimento emocional que torna o relato mais pessoal, humano, dramático, em oposição à história, que tenta distanciar-se para ter uma versão próxima à imparcialidade ou uma que esteja de acordo com as ideologias e interesses da classe hegemônica.

A intenção do *testemunho* é apresentar um relato considerado "real", o que nem sempre pode ser comprovado, sendo possível, então, que o depoente chegue a ficcionalizar alguns aspectos

da narrativa. Outra peculiaridade da “realidade” apresentada nas obras desse gênero diz respeito à maneira como o sujeito apreende os acontecimentos, pois o estado físico, psicológico e emocional de quem testemunha é um elemento de mediação nesse processo. Soma-se a isso a tentativa de o depoente interceder pelo grupo do qual fez/faz parte, o que tem como consequência a construção de uma imagem por vezes idealizada ou distorcida.

A disseminação de produções do *testemunho*, na América Latina, teve o auxílio da instituição *Casa de las Américas*, de Cuba, precursora na recepção e divulgação dessa modalidade narrativa, o que ocorreu por meio de edições de sua revista e pela realização de concursos, estimulando o desenvolvimento e o interesse pelo gênero. Dentre as obras que se destacam no contexto de afirmação deste, **Biografía de un cimarrón** (1966), de Miguel Barnet, pode ser destacada como portadora do sentido e das principais características paradigmáticas do *testemunho*.

Conforme Mabel Moraña (1995), esse gênero surge, no meio latino-americano, como um recurso aberto à comunicação de conteúdos e de problemáticas coletivas fundamentalmente das classes subalternas, as quais sempre encontraram barreiras quase intransponíveis para se apoderarem de recursos do mundo hegemônico, sendo vítimas principalmente da exclusão cultural, social e histórica. Com o *testemunho* eles têm a possibilidade de divulgar a sua realidade e marcar seu posicionamento frente ao discurso oficial.

Nos últimos anos, a invasão do espaço restrito aos letrados só foi possível pela luta de grupos que são considerados iletrados ou “marginais”, que se manifestaram visando a ocupação de um espaço no mundo da escrita e da literatura. Conforme Hugo Achugar, o espaço na escrita representa o poder de mostrar a sua versão da história, e não apenas a dos que são os representantes oficiais. Assim, o *testemunho* seria:

un espacio discursivo donde se representa la lucha por el poder de aquellos sujetos sociales que cuestionan la hegemonía discursiva no de los letrados en sí, sino de los sectores sociales e ideológicos dominantes y detentadores del poder económico, político, cultural y social que han controlado históricamente la ciudad letrada, (1992, p.41).

Trata-se de um espaço aberto ao questionamento das imposições, da situação social, política e cultural, mas, para isso, faz-se necessária a apresentação de uma voz que assume tom coletivo, materializada pela figura do indivíduo integrante de um determinado grupo social, neste caso marginalizado, que fornece seu depoimento a fim de que este se torne público. Achugar, em seu artigo que enfoca o *testemunho* latino-americano, afirma que este foi o principal veículo para a introdução da voz marginal no meio público. Mas, para que isso ocorra, ainda é necessária a intervenção de um letrado que auxilie no processo de organização e divulgação da obra. Tal situação ocorre com o livro **Sobrevivente André du Rap (do massacre do Carandiru)**, na qual Du Rap, ex-presidiário, testemunha e Bruno Zeni, mestrando em Teoria da Literatura, edita o relato. A presença do editor parece se apresentar como autoridade para o livro, como se seu valor estivesse no fato de um letrado intermediar essa prática narrativa. Isso comprova a dificuldade de se integrar ao espaço hegemônico, pois para poder circular neste, é necessário ter um passaporte, o qual está representado, neste caso específico, pela figura do editor.

Como editor, Bruno Zeni é responsável pela transcrição e edição do depoimento de Du Rap, fornecido em 2001, quando já estava em liberdade. O editor procurou preservar a oralidade do discurso para não perder as marcas lingüísticas que identificam o enunciador, mas a mediação inevitavelmente pode intervir em vários elementos do *testemunho* como na transcrição, na seleção, na ordem e no direcionamento dos depoimentos.

A mediação do relato, dentre as várias implicações, levanta uma questão referente à autoria, pois se trata de um elemento diferencial nesta modalidade narrativa devido ao fato de não haver um autor propriamente dito, como ocorre nas obras de ficção. Isso gera uma ambigüidade autoral, que é intensificada pela apresentação de diferentes objetivos em relação à obra por parte do editor e de Du Rap, tendo por consequência a dúvida do leitor sobre qual é a entidade que tem maior autoridade no livro, o testemunhante ou o editor? Tal situação poderia demonstrar ou uma relação harmônica de alternância e coexistência de duas autoridades num mesmo espaço ou ainda, o que não seria o caso deste *testemunho*,

uma certa disputa entre a figura do letrado e do subalterno, na qual certamente irá se valorizar mais o primeiro. O objetivo explicitado por Du Rap, ao dar seu depoimento para a elaboração desse relato, é mostrar a realidade dos (ex) presidiários e alertar a sociedade para que casos como o do massacre do Carandiru não se repetissem. Em paralelo, Bruno Zeni também explicita o seu, que se relaciona com a busca da aproximação com a visão total do massacre, buscando, assim, conhecer os diversos pontos de vista sobre o fato. Segundo ele,

o objetivo desta obra é, portanto, somar à história do massacre mais uma narrativa, construída do ponto de vista de quem sofreu o trauma na carne e no espírito, e dessa forma tornar essa história mais rica, mais completa e também mais complexa, (2002, p.199).

Soma-se a essa preocupação o artigo acadêmico no final do livro, no qual o editor parece dar uma explicação teórica à atitude de Du Rap de expor aquele período de sua vida, em especial o episódio do massacre, aparentando ter a intenção de dar maior validade ao testemunho, justificando sua publicação.

Os efeitos da mediação são intensificados pelos problemas da transformação de um discurso oral em escrito, já que estes apresentam particularidades e naturezas bem distintas. O discurso elaborado por Du Rap foi gravado e depois transcrito, assim, ele apresenta uma estrutura característica de oralidade, com repetições constantes e com mudanças súbitas de um assunto para outro. Ao ser transformado em escrita, tentou-se preservar essa estrutura, o que não deixa de ser problemático, já que acaba obrigando o editor a adaptar o depoimento de forma que ainda se consiga preservar alguns elementos do discurso primeiro. A principal intenção do editor ao preservar as marcas lingüísticas de Du Rap é dar maior autenticidade ao relato, porque, segundo sua perspectiva, a linguagem marca a identidade e a origem subalterna do depoente.

O livro **Sobrevivente André du Rap...** além de se encaixar nas fronteiras do *testemunho*, também pode ser integrado ao movimento da *Literatura Marginal* pelo seu caráter de denúncia e pela condição social e humana do depoente, pois este movimento se concentra na representação da realidade dos favelados, dos (ex-) presidiários, enfim, dos grupos sociais que estão à margem da

sociedade, destacando-se nela a temática da violência. Essa literatura é uma forma de chamar a atenção dos leitores sobre o que acontece no mundo periférico, de expressar a revolta, o descaso, a falta de perspectivas e a luta pela sobrevivência. Conforme Fernando Villarraga (2005), a autodenominada *Literatura Marginal* apresenta um caráter problemático por misturar em si a vontade documental, a força do testemunho e a ficcionalização das experiências vividas pelos próprios autores marginais. Esses, ao apresentarem tal posicionamento, estão assumindo publicamente uma identidade artística, cultural e social diferenciada e estabelecendo um compromisso com determinada realidade. Portanto, o que define esse *testemunho* e sua inserção no movimento da *Literatura Marginal* é o compromisso com a realidade de um grupo específico que sofreu diretamente os efeitos de um evento histórico: o massacre do Carandiru.

Esse caráter de denúncia e de protesto da *Literatura Marginal* fica explícito quando Du Rap fala sobre sua participação como testemunha no processo contra os policiais envolvidos no massacre e sobre a intenção do livro:

Minha intenção é alertar a sociedade do que pode acontecer. Que o que pode acontecer de novo. Um novo massacre. E as muitas histórias que ainda continuam acontecendo, de injustiça, de preconceito, de desigualdade, (2002, p.106).

A preservação da oralidade possibilita a presença de elementos próprios da fala no texto escrito, sendo, assim, um recurso imprescindível na *Literatura Marginal*, pois é por meio da linguagem que se identifica a origem social do autor, do depoente ou, ainda, do grupo representado. Segundo Achugar:

El llamado "efecto de oralidad" es central al testimonio por otra razón: su contribución al llamado "efecto de realidad", o "efecto documental" según otros, o como preferimos llamarlo "efecto de oralidad/verdad". Y aquí es donde el análisis del nivel del enunciado y del nivel pragmático se hace uno pues lo que ocurre supone una interacción de ambos niveles. La permanencia o huella de la oralidad permite generar en el lector la confianza de que se trata de un testimonio auténtico, reafirmando de este modo la ilusión o la convención del propio género, o sea que está

frente a un texto donde la ficción no existe o existe en un grado casi cero que no afecta la verdad de lo narrado, (1992, p.29).

A presença de marcas da oralidade no texto escrito gera um efeito de autenticidade do discurso, o leitor acredita estar diante de uma voz que remete a um indivíduo "real", o qual se encontra vinculado a um espaço e a um tempo concretos. Cabe salientar que se procura produzir é o efeito de veracidade com sua preservação, não havendo necessariamente o compromisso de apresentar os fatos tal como ou com quem ocorreram. O efeito de autenticidade é reforçado pela afirmação de que o relato é resultado de experiências "reais" de um indivíduo, por esse motivo, são fundamentais na produção do *testemunho*, por ser o elemento que justifica e que é cobrado para a valoração deste. São elas, portanto, que dão autoridade para se falar em determinado assunto ou episódio, porque é por meio das vivências do próprio indivíduo e do outro que as experiências são adquiridas e integradas ao repertório do saber humano. Cada ser humano possui as suas, mas como ele está inserido num determinado grupo social, elas passam a representar não só a condição daquele indivíduo, mas também a de todos que compartilham aquela realidade.

A memória torna-se, então, responsável pela preservação das experiências, sendo ela de caráter seletivo, processando os fatos mais importantes e mais marcantes ou os de maior relevância afetiva ou emocional. Contudo, ela pode apreender os eventos de maneira distorcida ou fragmentada, devido ao estado emocional do sujeito ou às circunstâncias pessoais em que ele se encontra. Dois indivíduos, inseridos na mesma situação, possivelmente, teriam uma visão diferente do mesmo fato, pois cada um tem um modo particular de apreendê-lo, já que podem ser influenciados pelos mais diferentes fatores. Portanto, a realidade sempre será apreendida de maneira diferente na medida em que a subjetividade humana é colocada em jogo.

2 Visões do mundo social e carcerário presentes no relato de Du Rap

As reflexões de Du Rap, geradas pelo que presenciou em sua vida na sociedade e na prisão, apresentam um forte tom de denúncia, principalmente em relação ao tratamento que os

policiais dão aos presos, às torturas, às agressões, às humilhações: "... a nossa Polícia não é preparada pra proteger, mas pra nos oprimir", (p.179). Ele denuncia a Justiça, ou melhor, as injustiças, argumentando que para o pobre a Justiça é lenta, prestigiando as pessoas que tem dinheiro, deixando os pobres à mercê do sistema: "Não adiantou nada essa lei pra mim, como pra periferia não adianta. [...] Não tem advogado, porque o Estado não fornece. Não tem dinheiro, na realidade", (p.178).

Du Rap, ao longo de seu depoimento, constrói duas imagens opostas: a da rua e da prisão. Na primeira ele aponta valores negativos como o desrespeito, o preconceito, já na segunda ele tenta mostrar o lado humano da prisão, onde os presos seriam companheiros e estariam constantemente se ajudando, prevalecendo nessa relação valores positivos, de solidariedade e respeito mútuo. No caso da última imagem, ela revela a intenção de Du Rap de interceder pelos presidiários, mostrando que o mundo social em determinados pontos é tão desumano quanto o mundo do cárcere. Assim, de certa forma a imagem da prisão que ele transmite no *testemunho* torna-se um tanto paradoxal: por um lado, evidencia que naquele espaço existe a solidariedade, o companheirismo; por outro, afirma ser um lugar violento. A passagem na Detenção, "Quem tiver inimigo fala logo, porque se chegar lá, vai acontecer, os caras matam mesmo", (p.45), revela uma imagem que coincide com a da sociedade, pois se tem o pressuposto de que a prisão é um lugar onde convivem os piores valores e intenções. Contudo, ele faz prevalecer a imagem idealizada possivelmente como forma de apoio àqueles que foram seus companheiros, procurando, aparentemente, amenizar o preconceito da sociedade contra os (ex)presidiários, pois eles, assim como Du Rap, carregam esse estigma para o resto da vida.

O sistema penitenciário é visto por Du Rap como um mundo à parte, no qual vive um grupo social específico, que chega a apresentar sua linguagem própria denominada por ele como o "dialeto da prisão". Frequentemente usa termos que são próprios da linguagem dos penitenciários e, quando o faz, explica o que significa para que o leitor saiba a que se refere. Esse ato de explicar também demonstra que o público alvo provavelmente não é o (ex) presidiário, pois este conheceria os termos utilizados na prisão, como

"burra", que quer dizer cama, "Jega ou burra - é o linguajar lá de dentro", (p.47). Essa linguagem representa o grupo dos presidiários e Du Rap, ao utilizá-la e explicá-la, serve como um elo que liga a prisão ao mundo social, é como se de alguma maneira tentasse aproximar os dois mundos por meio de seu testemunho.

Conforme Du Rap, o cárcere é um lugar onde prevalecem alguns valores essenciais: a *solidariedade*, "Não existe lugar no mundo onde existe mais solidariedade"; o *respeito*, "Dentro do sistema penitenciário, dentro da cadeia, a gente tem o maior respeito, todos os companheiros têm o maior respeito", (p.100); o *companheirismo*, "Isso é companheirismo, é de irmão mesmo. Quando a gente fala assim, companheiro, irmão, é que muitas vezes aqui fora não tem isso"; a *verdade*, "- Não, mas aqui você vai ouvir sempre a verdade, não só comigo, mas com os outros companheiros também", (p.77); a *valorização das coisas e das pessoas que estão distantes*, "... começa a dar valor pras coisas que antes você não dava. Ele começa a dar valor a sua própria vida", (p.54) e as *regras de convivência*, "Então, dentro do sistema carcerário, a gente tem regras. A lealdade, o respeito e a dignidade", (p.111).

O mundo social, por sua vez, é referido por ele como um lugar onde não se considera o outro, marcado pelo individualismo e pela falta de consideração humana, "Muitos caras saem de lá de dentro, chegam aqui fora e não dão valor pra pessoa", (p.81). Du Rap sente a discriminação da sociedade em relação aos (ex)-presidiários, não proporcionando condições para que eles reconstruam suas vidas, "... as pessoas discriminam e não dão oportunidade", (p.112). Igualmente observa o desrespeito entre as pessoas, "Então, muitas vezes aqui fora, você passa com a sua namorada, o cara, [...], 'ô gostosa'", (p.100).

O ponto de referência de Du Rap durante o depoimento é o mundo da rua, ele refere-se ao mundo social como o "aqui fora", o que marca o lugar onde se encontra ao enunciar seu depoimento. Contudo, num determinado momento ele se posiciona como se pertencesse aos dois lugares: prisão e rua. "A sociedade aqui fora é totalmente diferente do nosso mundo, do mundo que você vive atrás das grades. Ninguém sabe o peso que tem uma grade", (p.186). A posição externa ao mundo da prisão também pode ser uma justificativa pelo fato de ele ver a

prisão como um lugar onde prevalecem tantos valores, pois sua atual condição de ex-presidiário faz com que sofra o preconceito no mundo social e, como a vida no cárcere é uma realidade do passado, ele relembra o lado positivo daquele espaço.

CONCLUSÃO

As duas posições espaciais distintas de Du Rap estão, portanto, atreladas às diferenças temporais, o presente remete à rua, o passado à prisão, gerando um distanciamento maior deste mundo que já não é mais o seu. Ao observar suas visões e suas reflexões, verifica-se que as diferenças destas podem ser justificadas pelo confronto de seu passado e seu presente, pelo que viveu, marcado pelo companheirismo num espaço onde se enfrenta muitas dificuldades, e pelo que vive no presente, os problemas para se reintegrar à sociedade preconceituosa.

A experiência de vida na prisão proporcionou a Du Rap uma visão de ambos os lados da sociedade, dessa maneira, ele questiona e faz considerações sobre a realidade de quem vive situações semelhantes às que ele viveu, sobre os problemas que o preso enfrenta, sua relação com os outros detentos e com o mundo exterior ao cárcere. O *testemunho*, neste caso, é um veículo que possibilita a divulgação desses conteúdos que denunciam e que tentam representar a realidade de Du Rap, e de todo o grupo, enquanto (ex) presidiário e sobrevivente de um massacre histórico.

O *testemunho* tem, então, o poder de representar um determinado período do percurso existencial de um homem, a fim de proporcionar aos leitores o conhecimento parcial daquele que, por certas circunstâncias pessoais ou sociais, passa a habitar o território escuro da vida. E Du Rap, com o seu depoimento, consegue expressar o seu ponto de vista particular baseado nas próprias experiências de vida, sobre sujeitos que estão inseridos numa realidade excluída e marginalizada pela sociedade. Mas, estes vêm buscando seu espaço, também na literatura, a fim de serem valorizados como membros de um grupo social autêntico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo (compilador). **En otras palabras, otras historias**. Montevideo: Universidad de la República, 1992.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: ___. **Magia e técnica, arte e política - Ensaio sobre literatura e história da cultura** - Obras escolhidas - V.I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORAÑA, Mabel. *Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX*. **América latina: Palavra, Literatura e Cultura**. São Paulo, v. 3, p. 479 – 515. 1995.

Sobrevivente André du Rap (do massacre do Carandiru)/coordenação editorial Bruno Zeni. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.

VILLARRAGA, Fernando. *Literatura Marginal: o assalto ao poder da escrita*. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n.24, p.35 – 53, jul./ dez. 2004.

NOTA

© Aluna do 6º semestre do curso de Letras/Português e Respectivas Literaturas, bolsista PIBIC/CNPq do projeto "Formas da ficção narrativa moderna: revisão teórica e crítica", orientada pelo prof. Dr. Fernando Villarraga Eslava, e participante do Grupo de Pesquisa CNPq: "América Latina: representações literárias contemporâneas".